

ARTE E DIVERSIDADE CULTURAL NA RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA – UM CENÁRIO PARA O PÓS-PANDEMIA

Thiago Pondé¹

RESUMO

O presente texto propõe pensar práticas artísticas de resistência democrática – sobretudo no pós-pandemia –, a partir de um olhar voltado especificamente para o Brasil, orientadas para duas potências cruciais e locais da arte: a emancipação social e a vivência da interidentidade para mediação sensível entre a diversidade cultural brasileira. Nesse sentido, o exemplo da breve experiência da Cena Tropicifágica (2011-2017) é apresentado.

*

Introdução

É visível que o contexto da pandemia do novo coronavírus causa fissuras incômodas ao capitalismo e traz à tona chagas antes ocultas pela normalidade vigente até então. É certo que a ascensão da extrema-direita nos últimos anos no Brasil e no mundo acentuou de modo significativo as desigualdades e conformou prerrogativas sistêmicas enquanto *modus operandi* naturalizado, assim como colocou grupos sociais vulneráveis e instituições em atenção e prontidão para responder às investidas conservadoras e retrógradas contra garantias e direitos humanos fundamentais.

O impacto da pandemia não é só sentido no campo social, na crise econômica que o isolamento social implica por exemplo, mas, sobretudo, no domínio individual e psicológico. A humanidade, atônita ainda por conta das inumeráveis mortes e perdas nesse período, tenta compreender qual a conjuntura do pós-pandemia que permita ações e

¹ Doutorando pelo Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (Pós-Cultura-UFBA). E-mail: comunicacao.ponde@gmail.com.

iniciativas para mitigar os infindáveis danos deixados por esse ano roto e marcante. Diante da inquietação de um cenário pós-pandêmico ainda tão desconhecido, além de todas as incertezas que pairam no ar diante da ação de um vírus incógnito em sua totalidade, é importante que não nos coloquemos automatizados por um discurso de “novo normal” que retome obtusamente e amplie aspectos nocivos do capitalismo em sua expressão mais desumana e desigual.

Nessa perspectiva, há um âmbito de resistência democrática a partir de uma prática artística possível para a diversidade cultural, que ultrapassa a arte enquanto produto de consumo para fins de entretenimento ou ainda de mera contemplação da beleza e das formas artísticas em si. No âmbito da sociedade, nessa distopia pandêmica que se estende e anuncia nossa humana vulnerabilidade, pode a arte ser potência e espaço de resistência e emancipação de sujeitos de culturas diversas, e vivência da interidentidade, para impingir transformações na frágil democracia brasileira após o contágio em massa arrefecer?

Um breve histórico e outras possibilidades de arte para a diversidade cultural na resistência democrática

Na primeira democracia ocidental reconhecida, a Grécia, a arte poética – os gêneros teatrais da tragédia e da comédia –, foi duramente combatida em seu modelo formal e dramaturgic por Platão (1997) nos livros III e X da obra *A República*. Relegados ao campo do falseamento da verdade e condenados em seu princípio da *mimesis* (imitação) da natureza, os gêneros trágico e cômico, assistidos nas arenas de Atenas por cerca de oitenta mil gregos, acabaram alijados na polis pela filosofia platônica como lugares de estímulo ao vício moral da população.

Essa interpretação da arte forjada pela filosofia platônica denota, em parte, o enfraquecimento da possibilidade daquela como meio de transformação e mobilização social, conseqüentemente, de emancipação de sujeitos de culturas diversas nas modernas sociedades democráticas. O olhar platônico para a arte poética carrega forte componente conservador, e se estende até hoje na ressonância dada por grupos de extrema direita a favor de uma “bela arte” sintonizada com valores requeridos por esses

grupos – os formatos monolíticos de família, de pátria, entre outros, e suas aversões à diversidade cultural como uma realidade peremptória das democracias.

Outro fator que reduz a potência da arte como oportunidade de transformação social e emancipação de sujeitos de culturas diversas é a sua captura opressiva pela indústria cultural e pelo mercado do entretenimento a partir do século XX. Não se pretende aqui reduzir a arte associada à indústria cultural para esvaziar o valor simbólico e factível do entretenimento nas sociedades, mas, antes, apontar a vinculação estrita e sufocante da arte ao negócio, tal como o fizeram Adorno e Horkheimer (1985) no século passado – ao tecer críticas à indústria do cinema – o que gera um contexto ambivalente e paradoxal, no qual tanto iniciativas de caráter emancipatório e democrático se concretizam, na afirmação da diversidade cultural a partir do aparecimento de novas narrativas, quanto de inclinação neocolonial, na absorção e na concessão a discursos críticos ao sistema capitalista, por essa mesma indústria cultural, a fim de preservar sua hegemonia na produção e difusão de arte no plano simbólico e social.

No cenário de fissuras do capitalismo que a pandemia ressalta, práticas artísticas outras se anunciam ainda mais assertivamente como possibilidades de potência e resistência democrática para o pós-pandemia. Partindo da afirmação de Nietzsche (1992, p.141), de que “só como fenômeno estético a existência e o mundo aparecem eternamente justificados”, há um flanco aberto para novas vivências e valorações da arte nas sociedades atuais que correm à margem da indústria cultural hegemônica e do cânone da filosofia estética.

No caso do Brasil, iniciativas artísticas têm conduzido experiências de emancipação de sujeitos com relativo alcance, com discursos autônomos e de resistência democrática. O livro *Descomplicando com Kaê Guajajara – o que você precisa saber sobre os povos originários e como ajudar na luta anti-racista* (2020), por exemplo, uma realização coletiva de indígenas de mais de dez etnias, organizados e amplificados pela artista e ativista indígena Kaê Guajajara, propõe dialogar com indivíduos não-indígenas e a sociedade brasileira para minorar os impactos do racismo estrutural sofrido pelos povos originários, ampliado desde a ascensão da extrema-direita no país em 2018.

Esta é uma das duas orientações imprescindíveis da arte como meio de resistência democrática na atual conjuntura política brasileira: a de dar atenção e protagonismo às narrativas da diversidade cultural para emancipação e autonomia discursiva de sujeitos de culturas diversas. A outra orientação está no domínio do Ainda-Não² (SANTOS, 2002, p.254-255) da arte, uma tendência não consolidada socialmente, experimentada pela Cena Tropicifágica no processo de construção do acervo *Comendo o País Tropical* (2016).

A experiência da Cena Tropicifágica

A Cena Tropicifágica (2011-2017) foi um projeto artístico e de intercâmbio cultural cujo principal resultado foi o acervo artístico de multilinguagem *Comendo o País Tropical*³ (2016). Na dimensão (micro) política do conceito tropifagia (PONDÉ e CARVALHO, 2020, p.151-156), um espaço de mediação coletiva para prática da arte é pensado na criação conjunta entre sujeitos de diferentes grupos sociais e recortes identitários. Assim, sujeitos de culturas diversas experimentam artisticamente a pulsão pré-representacional do sensível enquanto aproximação e vivência da alteridade (PONDÉ e CARVALHO, 2020, p.151-156). Importante ressaltar uma característica democrática da arte no contexto da diversidade cultural fora de contextos viciados: a de possibilitar de maneira mais plena a vivência da alteridade no campo do sensível e do processo criativo, através do deslocamento transitório e efêmero das identidades.

Boaventura de Sousa Santos utiliza o termo interidentidade “para figurar [...] conformação identitária complexa” (2003, p.23), no caso específico dos portugueses e suas relações no contexto colonial, e afirma que, “as identidades culturais não são rígidas, nem, muito menos, imutáveis” (1993, p.31). A interidentidade pode então ser compreendida como o reposicionamento constante e efêmero de sujeitos e de suas identidades, a partir de diferentes contextos nos quais habitam e co-existem.

Nesse sentido, a experiência proposta pela Cena Tropicifágica no

2 Boaventura de Sousa Santos atribui ao Ainda-Não um fenômeno sociológico que emerge como possibilidade, mas que, ainda não se consolidou como prática social.

3 O acervo artístico *Comendo o País Tropical* (2016) foi assinado por cerca de vinte criadores de diferentes recortes identitários (como o tropicalista Jorge Mautner e o jovem saxofonista da periferia carioca Edson Big) e contém cinco fonogramas, três pílulas audiovisuais, três fotografias, e três poesias. O acervo está disponível no site www.tropifagia.com.

acervo *Comendo o País Tropical* (2016) e nos projetos *Curto Circuito Sonoro* (2016) e *Bahias intemporais* (2016), intentou engendrar um processo criativo no qual a vivência da interidentidade se tornasse possível no contexto da diversidade cultural, a partir de deslocamentos, trocas e fluxos transitórios das identidades culturais, com a presença de tensionamentos e negociações tácitas decorrentes de agregações e desagregações simultâneas ocorridas no processo criativo.

A preocupação com o processo mais do que com o produto artístico final (PONDÉ e CARVALHO, 2020, p.163) foi uma aliada nesse contexto, no qual não havia pressões maiores de ordem econômica ou estética, e nem uma rigidez excessiva com as formas e os conteúdos finais dos materiais artísticos criados, caracterizando uma experiência de arte incomum e singular com relação às práticas artísticas recorrentes na indústria cultural, por exemplo.

Breves considerações finais

O tempo atual é de emergência e de resistência democrática no Brasil e no mundo. Uma visão política conservadora e reacionária ganha terreno e capital eleitoral em diferentes sociedades democráticas ao redor do globo. A pandemia embaralhou muitas certezas da humanidade, e abriu espaço para arranjos desafiadores e potentes ainda pouco experimentados ou relegados por seu aspecto contra-hegemônico e crítico. A intuição de que o mundo não será mais o mesmo e de que mudanças parecem cada vez mais críveis no horizonte global das sociedades deve impulsionar agentes, coletivos e instituições à ação e à experimentação de novas práticas sociais.

No campo da democracia brasileira há práticas artísticas entre a diversidade cultural fundamentais para uma resistência democrática qualificada no pós-pandemia. No maior espaço continuado que deve ser dado às narrativas culturais dissidentes e - também e principalmente - à mediação e vivência da interidentidade que só a arte tem a potência necessária para realizar socialmente. A pandemia é um prenúncio de incertezas e nossos olhos devem começar a mirar além.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo**. Tradução, notas e posfácio de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PLATÃO. **A República**. Tradução Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

PONDÉ, Thiago; CARVALHO, Aline. **Tropifagia - Comendo o País Tropical**. Salvador: EDUFBA, 2020, 340p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n.63, p.237-280, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Modernidade, identidade e cultura de fronteira. **Tempo Social: revista sociológica da USP**, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 31-52, 1993.